

## MÚSICA SACRA – ARTE SACRA ? \*

Rev. Robert A. Skeris, Dr. Theol.\*\*

Em Agosto de 2003, o Secretário de Estado do Vaticano , Cardeal Angelo Sodano, declarou publicamente que quarenta anos depois das mudanças litúrgicas introduzidas a seguir ao Concílio do Vaticano II era “ lícito perguntar em que medida a reforma litúrgica contribuiu para a renovação das comunidades cristãs”. Por outras palavras, torna-se necessário avaliar a forma como foi implementada. O mesmo Cardeal aconselhou os participantes da *Semana Litúrgica Nacional Italiana* “ a perguntarem a si próprios com clareza e sinceridade quais os pontos fracos da reforma, e, acima de tudo, como é que a mesma pode ser relançada para o bem do povo cristão. Talvez alguns princípios da Constituição da Liturgia devessem ser melhor compreendidos e aplicados com mais rigor”.

As reflexões que se seguem deverão ser entendidas como uma tentativa para responder, de forma construtiva, ao apelo do Cardeal Sodano.

Não só quando é explicitamente religiosa ou sacra, mas também pela sua natureza, a música ( tal como as outras artes) é *teológica*, ou seja, as artes constituem uma espécie distinta daquilo a que se pode chamar “ teologia natural”. Uma obra de arte musical é uma metáfora complexa que pode, na sua própria forma, expressar a “presença real” de Deus mesmo quando não é qualificada como tal. Pensemos na Paixão Segundo S. Mateus, de Bach, ou na obra “ Rejoice in the Lamb”, de Britten, entre outras grandes obras de *música religiosa*. Na sua própria forma, tais obras de arte antecipam novas criações ( cf Apoc 21/1-4) sugerindo uma justificação da Trindade de Deus presente na criação e recepção de tais obras .(1)

Uma das características essenciais da arte é a sua afinidade com a religião, que, de certa forma, torna os artistas intérpretes da perfeição infinita de Deus , em particular, da beleza e harmonia da sua criação ( cf Papa Pio XII – Alocução aos Artistas Italianos, em 8/Abril/52).

Se isto é verdadeiro para a arte em geral, é ainda mais verdadeiro para a arte sacra, ou seja, a arte que serve a religião, que é inspirada e fomentada pela religião, a arte que abraça temas sacros e que sempre existiu. A relação entre arte e religião só se torna questionável quando as duas se tentam excluir uma à outra e se limitam às suas próprias esferas separadas. Embora nascido na época do chamado Iluminismo, este problema continua a existir actualmente. A conexão da arte com o culto ou liturgia deve ser encarada no contexto alargado da relação entre arte e religião.

Uma obra de arte revela o espírito criativo do artista. Uma parte da sua vida interior penetra e marca a sua obra. Há uma analogia entre a actividade criativa de Deus e o talento criativo do artista visto que são ambos, num certo sentido, dadores de vida, embora Deus crie entidades extra-divinas a partir do nada pela sua única vontade, enquanto o artista necessita de matéria já criada e pronta para ser transformada com a

ajuda de ferramentas. A obra de arte é uma nova e diferente expressão de algo quase familiar, criado de acordo com o modelo gravado no espírito e alma do artista pelo Divino Criador.

O artista actua como um instrumento particular de Deus, sendo a sua tarefa suprema apresentar e revelar aos seus semelhantes o Infinito na forma finita, o movimento lento no movimento fugaz, o permanente no temporário, o essencial no accidental, a eternidade de Deus nas coisas efémeras deste mundo. Quando uma obra de arte tem êxito ao transformar a substância terrestre, pesada e opaca num expositor transparente das ideias eternas de Deus materializadas neste mundo, torna-se então, de imediato, numa mensagem de Deus, um sinal no caminho apontando para Ele. Quanto mais forte é o impacto do talento criativo, mais transparente é a mensagem e mais amplo o caminho.

Há cerca de quatro décadas, o Concílio do Vaticano II usou frequentemente o termo *ars sacra*, arte sacra, que sendo embora mais específica que “arte religiosa” é algo mais inclusivo do que o termo “arte litúrgica” aplicado aos objectos (por exemplo vasos sagrados, paramentos, livros) ou à organização e decoração do espaço usado para o culto (por exemplo a arquitectura, pintura, escultura, vitrais, etc). A arte sacra é a mais elevada manifestação da arte religiosa (SC 122). É a arte que serve o culto oficial da Igreja, providenciando o uso dos objectos do culto que são sinais dignos e símbolos de realidades sobrenaturais.

A Igreja não adoptou oficialmente nenhum estilo artístico particular para seu uso exclusivo. Pelo contrário, admite o livre acesso ao espaço sagrado do templo dos estilos de cada época, desde que manifestem respeito e dignidade pelos ritos sagrados nos locais sagrados (SC 123). Visto que a arte sacra fornece os “instrumentos” e locais do culto utilizados na celebração da Liturgia divina, é neste aspecto condicionada pela tarefa ministerial que esta deve completar. Tal tarefa deve ser simultaneamente simbólica e instrumental. Portanto, não há dúvida que a Igreja reivindicou sempre o direito de opinar sobre a *ars sacra* e de decidir quanto às obras que considera adequadas para o uso sagrado (cf SC do Santo Ofício, *Instructio De Arte Sacra* de 30/Junho/ 52). Neste sentido, artistas e arquitectos bem como escritores e compositores devem ter a capacidade e a vontade de encontrar na religião a inspiração quanto aos métodos e ideias que melhor se adequam às necessidades do culto divino (cf Pius XII, Encíclica *Mediator Dei*, 1947).

Uma destas necessidades é, concerteza, a de estimular nos fiéis sentimentos de piedade e devoção. A Igreja, mãe e mestra, criou ao longo de quase dois milénios um gigantesco património artístico, incluindo uma genuína e notável linguagem artística litúrgica através da qual fala às almas e as almas falam com Deus. “Não é legítimo que os artistas cristãos ignorem esta linguagem. Deveriam aprendê-la e respeitá-la, assim como expressar os seus conceitos. A Igreja não existe para a arte. É a arte que vive para a Igreja.” (Circular do Santo Ofício, de 25 de Fevereiro/ 47). Tal como lembrou Pio XII, não é fácil para a humanidade passar do sensível para o espiritual a fim de se elevar da beleza imperfeita para a beleza suprema. Mas o esforço necessita de ser feito, porque as almas enobrecidas, elevadas para a verdadeira arte sacra estão deste modo melhor preparadas para receber a verdade e a graça de Cristo (cf. Pio XII, Alocução aos Artistas Italianos, 8/Abril/52). O liturgista competente observará aqui, sem dúvida, que para o domínio da *Música sacra*, cada um destes pontos foi antecipado no princípio do

séc. XX, pelo Papa Pio X num famoso documento cujo centenário se comemorou em 2003.

A *Ars sacra* é, no fundo, uma arte pastoral ao serviço da oração dos fiéis enquanto genuína expressão católica revestida de beleza. Ainda no campo da música para o culto, este não admite, com efeito, a “gritaria, a extravagância, a banalidade, a ostentação” e “todas as imitações comerciais estereotipadas” abusivamente apelidadas de arte sacra, tal como canções pop que podem ser ouvidas em muitos santuários católicos em qualquer Domingo, acompanhadas de sacabuxa, órgão, pífaro e tambor – *ad terrorem omnium*.

Um fenómeno recorrente na história do ritual católico e da sua música, tem sido a luta para manter e intensificar a interioridade do culto divino, em especial na celebração da Santa Missa. Na primeira década do séc. XIX, um bispo famoso de Regensburg – Johann Michael Sailer ( 1751-1832 ), admitiu que um dos principais factores que contribuíram para a decadência da *Música Sacra* foi o abismo desastroso que se cavou entre a religião e a arte. A sua tese mantém-se actual. Segundo a mesma, a religião está intimamente ligada à arte através de uma aliança que não é nem accidental nem pré-acordada. É antes, necessária e essencial. Não surgiu ontem ou hoje, mas é eterna.

Para Sailer, religião significa “ uma única e verdadeira religião eterna revelada na pessoa de Cristo encarnado com toda a plenitude do esplendor que permanecerá até ao fim do mundo”. Assim compreendida, a religião não é um conceito morto, um símbolo vazio, um termo vulgar. Significa a existência interior e vital. Significa uma “ forma de vida” uma participação no Divino através da graça. Tal religião, como espírito e vida, “ tem uma profunda tendência para se revelar a si própria, para se tornar, de facto, perceptível, visível, audível, palpável “ para formar por si própria um “corpo”, porque esta religião “ é uma chama do mundo eterno e superior que não pode simplesmente permanecer oculto.” Ela deve comover e penetrar no coração receptivo da humanidade. Assim, a religião possui nela própria a predisposição e a “ energia condutora para se tornar Igreja, para aparecer e viver como Igreja neste mundo, cristianizando com o fogo do seu espírito a predisposição religiosa presente no Homem”.

Então, de acordo com Sailer, o que quer que torne o íntimo do Homem perceptível exteriormente e represente externamente o Inexprimível e o Inefável , é “arte” no sentido lato da palavra. E o que quer que permita que a vida no interior da religião se torne exterior, é “ arte sacra”, no seu vasto significado. Esta “arte sacra” não tem a ver com a “expressão no interior da religião.... através de edifícios, pinturas, estátuas e tudo o que tenha a a ver com isso,mas sim “ ao ser impulsionada por um grande fervor , vai tornar mais fortes as convicções religiosas no que diz respeito ao discurso sagrado e às emoções mais arrebatadoras da religião, consagrando a voz humana como intérprete da religião, que canta e instrui, que proclama apenas as maravilhosas obras de Deus. A arte sacra não cessará enquanto não conseguir uma consonância mútua para além dos sons produzidos pelos humanos, pelo órgão e pelos outros instrumentos, afinando-os num todo para que se tornem música celestial, e que o poderoso Aleluia dos mais sublimes coros celestiais se repercuta em coros mais pequenos na terra. “

Como epítome das belas-artes, esta “arte sacra” preenche o mais alto requisito, servindo a religião no seu interior e representando-a e expressando-a no exterior. Isto realiza-se na arquitectura, escultura e pintura, na poesia e na música. Mas a chama sagrada que se revela espontaneamente num milhão de corações que transbordam emoções, “ cai, ainda mais inflamável na terra de onde se ergueu.” A aliança entre a

religião e a arte é, por conseguinte, dupla. A arte não ajuda apenas a religião aparentemente. Ajuda-a também numa direcção muito mais profunda. “ A música autêntica, que origina e revela uma profunda devoção, preserva também uma devoção forte e superior, onde quer que esteja, criando essa mesma devoção onde ela não está presente.”

Nas palavras de Sailor, esta aliança dupla entre a religião e a arte, é tão necessária como importante. “ A religião que desistisse desta aliança com as belas-artes”, estaria a contradizer-se a si própria. Na verdade, estaria morta.” Assim como o Amor eterno se manifesta a Si próprio na Palavra eterna, o Verbo, e revela esta Palavra eterna através da criação, do governo de todas as coisas e através da Redenção, então também é impossível para a religião calar-se dentro de si própria. O impulso para se revelar é mais do que uma parte da natureza da religião, tal como faz parte da própria natureza do Pai proferir a Palavra eterna” que se fez carne e habitou entre nós.

A conclusão é inegável.” A humanidade não pode erradicar da terra a religião, porque esta é eterna e não pode separar a arte sacra da religião, pois a concórdia desta com a arte é essencialmente necessária. Tal como, um dia, a religião cristã nasceu do sangue dos mártires, bem como de uma semente divina, também a arte sacra será mais uma vez chamada à vida, por entre as ruínas das artes- e apesar do vandalismo de todas as épocas.”

Até um observador pouco perspicaz concordaria com o facto de que as belas-artes poderão não ser sagradas, uma vez que resultam do produto do homem. Consequentemente, as belas-artes incluindo a música, “devem ter-se afastado da sua nobreza original, para se vulgarizarem naquilo que o homem tem feito. Por outras palavras, o homem tem abandonado a ideia de arte, bem como a ideia de religião. Se o todo cair em colapso, as suas partes integrantes cairão também.”

Antes de concluirmos as nossas reflexões, ouvindo um par de exemplos musicais que ilustram a aliança entre a religião e a arte musical, permitam-nos que mostremos a imagem precisa de Sailor, ou seja, aquilo que reveste a arte e perguntemos: o que é que reveste a música que ressoa nas igrejas católicas hoje em dia ?

Existe uma arte que usa as vestes de um escravo, que vive num estado de profunda humilhação, que serve a morte. Quando a arte se deixou degradar, lisongeando a loucura e a tolice dos tempos, cantando e glorificando o vício, a imoralidade, então, em vez de uma princesa livre, ter-se-á tornado numa vil escrava.

Para além desta arte degenerada, existe também uma arte de todos os dias, que serve a causa do júbilo, a fim de ajudar as pessoas a esquecerem os seus problemas por momentos. Com sons alegres, ela abandona o cuidado e embeleza a vida social, com brincadeiras e imagens bonitas.... É esta arte que permanece no ponto médio entre a sua origem superior e o seu precipício.

Finalmente, longe de uma arte escrava e mais sublime do que a arte de todos os dias, existe uma arte ornamentada por vestes festivas, que bebe da sua fonte original. Esta filha dos céus serve apenas o sagrado. Ela é o cântico de Deus.

A religião e a beleza pertencem uma à outra. O mundo só nos aparecerá na sua beleza plena, se o virmos como uma obra de arte de Deus – Deus , Cujo Espírito, na

sua origem, “pairou sobre as águas”, como princípio de toda a formação. Para um crente, a meditação artística conduz fácil e espontaneamente para a adoração religiosa. Se a beleza é harmonia, e a beleza da alma é a harmonia da alma, então podemos afirmar que nenhum poder consegue criar a harmonia e produzir a beleza da alma senão o que a religião consegue provocar. Um ser humano é mais belo quando está em oração. Uma criança, uma mãe ou um homem em oração, cada um é a imagem de uma beleza invulgar. Na religião e, acima de tudo, no acto mais essencial da mesma, a oração, todos os poderes do corpo e da alma estão concentrados em Deus Todo-Poderoso e, por isso, o repouso da memória entra em perfeita consonância com a tensão criada pela actividade sublime da oração. Não existe nenhum outro poder capaz de acordar tal consonância senão o que vibra na alma das comunidades de oração. Na liturgia Católica, a religião entra numa aliança íntima com a arte e, sobretudo, com a música. Quando uma comunidade religiosa existe como comunidade de oração, não há nada que expresse melhor as suas atitudes e sentimentos religiosos. Alguns encontraram a essência da beleza: a dança, no caso dos povos primitivos, a música e o teatro no caso de níveis culturais mais elevados e, na liturgia Católica Romana, a realização do perpétuo pascal *Exsultent divina mysteria*, a jubilosa celebração dos divinos mistérios através da música sacra, numa linguagem artística, que todos os homens podem compreender porque a linguagem artística não conhece limites. Esta música tem-se tornado, segundo a expressão maravilhosa do Cardeal Faulhaber, uma língua viva do Espírito Santo, que fala eloquentemente ao longo das eras, trazendo aos homens as boas novas da Redenção e eternidade, do amor e segurança, do perdão e eternas alegrias pascais!

### Nota

(1) – A. MONTY, *A Natural Theology of the Arts* ( Aldershot 2003 ).

### Referências

*Catechism of the Catholic Church*, nn.1156/8, 2500/03 2513.

T. DAY, *Why Catholics Can't Sing* (New York 1991 ).

\_\_\_\_\_ *Where Have you gone, Michelangelo?* ( New York 1993 ).

R. GRABER, *Religion and Art* , in R. SCHULER (ed), *Sacred Music and Liturgy Reform after Vatican II* ( Rome 1969) 36/51 with literature.

J. HATZFELD, *Zur kunstlehre Martin Deutingers*, in J. OVERATH (ed) *Priester und Musiker* ( Dusseldorf 1954 ) 108/47.

A. MONTI, *A Natural Theology of the Arts* ( Aldershot 2003 ).

J. RATZINGER (tr. G. HARRISON ), *Feast of Faith* ( San Francisco 1986) 97/126.

F.W. RUCKSTULL, *Great Works of Art* ( New York 1925 ) 93/134.

J. M. SAILER, *Neue Beytraege zur Bildung des Geistelichen 2* (rev.ed. Sulzbach 1839 ) 163/76, 243/50.

*Sacrosanctum Concilium* 112/27.

A.D. SERTILLANGES, *Prière et Musique* ( Paris 1930 ).

R. SHAW (ed), *OSV Encyclopaedia of Catholicism* ( Huntington 1997 ) s.v. Sacred Art, Sacred Music.

R. SKERIS (ed), *Crux et Cithara = MuSaMel 2* ( Altoetting 1938 ) 73/84, 108/21, 129/55, 156/203, 214/22.

\_\_\_\_\_, *Divini Cultus Studium = MuSaMel 3* ( Altoetting 1990 ) 177/241.

\* In Social Justice Review –Sixteenth Annual Conference of the Catholic Academy of Sciences, U.S.A – vol. 95, March- April, 2004- Nº 3-4.

\*\*O Rev. Pe. Prof. Doutor Robert Skeris exerce o seu sacerdócio em Sheboygam, WI , nos Estados Unidos. É doutorado em Teologia pela Universidade de Bona , na Alemanha . Em 2001 foi nomeado Presidente do *Centro Internacional de Estudos do Método Ward* da Universidade Católica Americana de Washington.

**Tradução do inglês** -Vera Garcia e Idalete Giga

**Revisão** – Idalete Giga